

O Uivo

Para Carl Solomon

I

Eu vi os expoentes da minha geração, destruídos pela
loucura, morrendo de fome, histéricos, nus,
arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada
em busca de uma dose violenta de qualquer coisa,
hipsters com cabeça de anjo ansiando pelo antigo
contato celestial com o dínamo estrelado da
maquinaria da noite,
que pobres esfarrapados e olheiras fundas, viajaram
fumando sentados na sobrenatural escuridão dos
miseráveis apartamentos sem água quente, flutuando
sobre os tetos das cidades contemplando o jazz,
que desnudaram seus cérebros ao céu sob o Elevado
e viram anjos maometanos cambaleando iluminados
nos telhados das casas de cômodos,

que passaram por universidades com olhos frios e
radiantes alucinando Arkansas e tragédias à luz
de Blake entre os estudiosos da guerra,
que foram expulsos das universidades por serem loucos
& publicarem odes obscenas nas janelas do crânio,
que se refugiaram em quartos de paredes de pintura
descascada em roupa de baixo queimando seu
dinheiro em cestos de papel escutando o Terror
através da parede,
que foram detidos em suas barbas púbicas voltando
por Laredo com um cinturão de marihuana para
Nova Iorque,
que comeram fogo em hotéis mal pintados ou
beberam terebentina em Paradise Alley, morreram ou
flagelaram seus torsos noite após noite com
som, sonhos, com drogas, com pesadelos na vigília,
álcool e caralhos em intermináveis orgias,
incomparáveis ruas cegas sem saída de nuvem trêmula,
e clarão na mente pulando nos postes dos pólos de

Canadá & Paterson, iluminando completamente o
mundo imóvel do Tempo intermediário,
solidez de Peiote dos corredores, aurora de fundo de
quintal das verdes árvores do cemitério, porre de vinho
nos telhados, fachadas de lojas de subúrbio
na luz cintilante de neon do tráfego na
corrida de cabeça feita do prazer, vibrações de
sol e lua e árvore no tronco de crepúsculo de
inverno de Brooklyn, declamações entre latas
de lixo e a suave soberana luz da mente,
que se acorrentaram aos vagões do metrô para o
infindável percurso do Battery ao sagrado Bronx
de benzedrina até que o barulho das rodas e
crianças os trouxesse de volta, trêmulos, a boca
arrebentada o despovoado deserto do cérebro
esvaziado de qualquer brilho na lúgubre luz do Zoológico,
que afundaram a noite toda na luz submarina
de Bickford's, voltaram à tona e passaram a tarde
de cerveja choca no desolado Fuggazi's escutando

o matraquear da catástrofe na vitrola
automática de hidrogênio,
que falaram setenta e duas horas sem parar do
parque ao apê ao bar ao Hospital Bellevue ao
Museu à Ponte do Brooklyn,
batalhão perdido de debatedores platônicos saltando
dos gradis das escadas de emergência dos parapeitos
das janelas do Empire State da Lua,
tagarelando, berrando, vomitando, sussurrando fatos
e lembranças e anedotas e viagens visuais e choques
nos hospitais e prisões e guerras,
intelectos inteiros regurgitados em recordação total
com os olhos brilhando por sete dias e noites,
carne para a sinagoga jogada à rua,
que desapareceram no Zen de Nova Jersey de
lugar algum deixando um rastro de postais ambíguos
do Centro Cívico de Atlantic City,
sofrendo suores orientais, pulverizações tangerianas
de ossos e enxaquecas da China por causa da

falta da droga no quarto pobremente mobiliado de Newark,
que deram voltas e voltas à meia noite no pátio da
ferrovia perguntando-se aonde ir e foram, sem
deixar corações partidos,
que acenderam cigarros em vagões de carga, vagões
de carga, vagões de carga, que rumavam ruidosamente
pela neve até solitárias fazendas dentro da noite do avô,
que estudaram Plotino, Poe, São João da Cruz, telepatia
e bop-cabala pois o Cosmos instintivamente
vibrava a seus pés em Kansas,
que passaram solitários pelas ruas de Idaho procurando
anjos índios e visionários que eram anjos índios e visionários
que só acharam que estavam loucos quando Baltimore
apareceu em estase sobrenatural,
que pularam em limusines com o chinês de Oklahoma
no impulso da chuva de inverno na luz das ruas
da cidade pequena à meia-noite,
que vaguearam famintos e sós por Huston procurando
jazz ou sexo ou rango e seguiram o espanhol

brilhante para conversar sobre a América e a Eternidade,
inútil tarefa, e assim embarcaram
num navio para a África,
que desapareceram nos vulcões do México
nada deixando além da sombra das suas calças
rancheiras e a lava e a cinza da poesia espalhadas
pela lareira Chicago,
que reapareceram na Costa Oeste investigando o FBI
de barba e bermudas com grandes olhos pacifistas
e sensuais nas suas peles morenas, distribuindo
folhetos ininteligíveis,
que apagaram cigarros acesos nos seus braços
protestando contra o nevoeiro narcótico de
tabaco do Capitalismo,
que distribuíram panfletos supercomunistas em Union
Square, chorando e despindo-se enquanto as
Sirenes de Los Alamos os afugentavam gemendo
mais alto que eles e gemiam pela Wall Street e
também gemia a balsa de Staten Island

que caíram em prantos em brancos ginásios desportivos,
nus e trêmulos diante da maquinaria de outros esqueletos,
que morderam policiais no pescoço e berraram de
prazer nos carros de presos por não terem cometido
outro crime a não ser sua transação pederástica e tóxica,
que uivaram de joelhos no metrô e foram arrancados do
telhado sacudindo genitais e manuscritos,
que se deixaram foder no rabo por motociclistas
santificados e berraram de prazer,
que enrabaram e foram enrabados por esses serafins
humanos, os marinheiros, carícias de amor
atlântico e caribeano,
que transaram pela manhã e ao cair da tarde em
roseirais, na grama de jardins públicos e cemitérios,
espalhando livremente seu sêmen para
quem quisesse vir,
que soluçaram interminavelmente tentando gargalhar
mas acabaram choramingando atrás de um tabique
de banho turco onde o anjo loiro e nu veio

trespasá-los com sua espada,
que perderam seus garotos amados para as três
megeiras do destino, a megera caolha do dólar heterossexual,
megera caolha que pisca de
dentro do ventre e a megera caolha que só sabe
sentar sobre sua bunda retalhando os dourados
fios intelectuais do tear do artesão,
que copularam em êxtase insaciável com um garrafa
de cerveja, uma namorada, um maço de cigarros, uma
vela, e caíram na cama e continuaram
pelo assoalho e pelo corredor e terminaram
desmaiando contra a parede com uma visão da
boceta final e acabaram sufocando o derradeiro lampejo da
consciência,
que adoçaram as trepadas de um milhão de garotas
trêmulas ao anoitecer, acordaram de olhos vermelhos
no dia seguinte mesmo assim prontos
para adoçar trepadas na aurora, bundas luminosas
nos celeiros e nus no lago,

que foram transar em Colorado numa miríade de
carros roubados à noite, N.C., herói secreto destes
poemas, garanhão e Adônis de Denver – prazer
ao lembrar suas incontáveis trepadas com garotas
em terrenos baldios & pátios dos fundos de
restaurantes de beira de estrada, raquíticas fileiras
de poltronas de cinema, picos de montanha
cavernas com esquálidas garçonetes no
familiar levantar de saias solitário à beira da
estrada & especialmente secretos solipsismos de
mictórios de postos de gasolina & becos da cidade
natal também,
que se apagaram em longos filmes sórdidos, foram
transportados em sonho, acordaram num
Manhattan súbito e conseguiram voltar com uma
impiedosa ressaca de adegas de Tokay e horror
dos sonhos de ferro da Terceira Avenida &
cambalearam até as agências de desemprego,
que caminharam a noite toda com os sapatos cheios

de sangue pelo cais coberto por montões de
neve, esperando que uma porta se abrisse no
East River dando para um quarto cheio de vapor e ópio,
que criaram grandes dramas suicidas nos penhascos
de apartamentos do Huston à luz azul de holofote
antiaéreo da luta & suas cabeças receberão
coroas de louro no esquecimento,
que comeram o ensopado de cordeiro da imaginação
ou digeriram o caranguejo do fundo lodoso dos
Rios de Boverly,
que choraram diante do romance das ruas com seus
carrinhos de mão cheios de cebola e péssima música,
que ficaram sentados em caixotes respirando a
escuridão sob a ponte e ergueram-se para construir
clavicórdios em seus sótãos,
que tossiram num sexto andar do Harlem coroando de
chamas sob um céu tuberculoso rodeados pelos
caixotes de laranja da teologia,
que rabiscaram a noite toda deitando e rolando sobre

invocações sublimes que ao amanhecer amarelado
revelaram-se versos de tagarelice sem sentido,
que cozinham animais apodrecidos, pulmão coração
pé rabo borsht & tortilhas sonhando com
o puro reino vegetal,
que se atiraram sob caminhões de carne
em busca de um ovo,
que jogaram seus relógios do telhado fazendo seu
lance de aposta pela Eternidade fora do Tempo
& despertadores caíram em suas cabeças por
todos os dias da década seguinte,
que cortaram seus pulsos sem resultado três vezes
seguidas, desistiram e foram obrigados a abrir
lojas de antiguidades onde acharam que estavam
ficando velhos e choraram,
que foram queimados vivos em seus inocentes
ternos de flanela em Madison Avenue no meio das
rajadas de versos de chumbo & o estrondo contido
dos batalhões de ferro da moda & os guinchos

de nitroglicerina das bichas da propaganda &
o gás mostarda de sinistros editores inteligentes
ou foram atropelados pelos taxis bêbados
da Realidade Absoluta,
que se jogaram da ponte de Brooklyn, isso realmente
aconteceu, e partiram esquecidos e desconhecidos
para dentro da espectral confusão das ruelas
de sopa & carros de bombeiros de Chinatown,
nem uma cerveja de graça,
que cantaram desesperados nas janelas, jogaram-se
da janela do metrô saltaram no imundo rio
Paissac, pularam nos braços dos negros, choraram
pela rua afora, dançaram sobre garrafas
quebradas de vinho descalços arrebetando
nostálgicos discos de jazz europeu dos anos 30
na Alemanha, terminaram o whisky e vomitaram
gemendo no toailete sangrento, lamentações nos
ouvidos e o sopro de colossais apitos a vapor,
que mandaram brasa pelas rodovias do passado

viajando pela solidão da vigília da cadeia de
Gólgota de carro envenenado de cada um ou então
a encarnação do Jazz de Birmingham,
que guiaram atravessando o país durante setenta e duas
horas para saber se eu tinha tido uma visão ou se ele tinha
tido uma visão para descobrir a Eternidade,
que viajaram para Denver, que morreram em Denver,
que retornaram a Denver & esperaram em vão,
que espreitaram Denver & ficaram parados pensando
& solitários em Denver e finalmente partiram
para descobrir o Tempo & agora Denver está
saudososa de seus heróis,
que caíram de joelhos em catedrais sem esperança
rezando por sua salvação e luz e peito até que a
alma iluminasse seu cabelo por um segundo,
que se arrebatassem nas suas mentes na prisão
aguardando impossíveis criminosos de cabeça
dourada e o encanto da realidade em seus corações
que entoavam suaves blues de Alcatraz,

que se recolheram ao México para cultivar um
vício ou às Montanhas Rochosas para o suave
Buda ou Tânger para os garotos do Pacífico Sul
para a locomotiva negra ou Havard para Narciso
para o cemitério de Woodlaw para a coroa
de flores para o túmulo,
que exigiram exames de sanidade mental acusando
o rádio de hipnotismo & foram deixados com sua
loucura & e mãos & um júri suspeito,
que jogaram salada de batata em conferencistas da
Universidade de Nova Iorque sobre Dadaísmo
e em seguida se apresentaram nos degraus de
granito do manicômio com cabeças raspadas e
fala de arlequim sobre suicídio, exigindo
lobotomia imediata,
e que em lugar disso receberam o vazio concreto da
insulina metrazol choque elétrico hidroterapia
psicoterapia terapia ocupacional pingue-pongue
& amnésia,

que num protesto sem humor viraram apenas uma
mesa simbólica de pingue-pongue mergulhando
logo a seguir na catatonia,
voltando anos depois, realmente calvos exceto por
uma peruca de sangue e lágrimas e dedos
para a visível condenação de louco nas celas das
cidades-manicômio do Leste,
Pilgrim State, Rockland, Greystone, seus corredores
fétidos, brigando com os ecos da alma, agitando-se
e rolando e balançando no banco de solidão à
meia-noite dos domínios de mausoléu
druídico do amor, o sonho da vida um
pesadelo, corpos transformados em pedras
tão pesadas quanto a lua,
com a mãe finalmente ***** e o último livro
fantástico atirado pela janela do cortiço e a última
porta fechada às 4 da madrugada e o último
telefone arremessado contra a parede em
resposta e o último quarto mobiliado esvaziado até

a última peça de mobília mental, uma rosa de papel
amarelo retorcida num cabide de arame do armário
e até mesmo isso imaginário, nada mais
que um bocadinho esperançoso de alucinação –
ah, Carl, enquanto você não estiver a salvo eu não
estarei a salvo e agora você está inteiramente
mergulhado no caldo animal total do tempo –
e que por isso correram pelas ruas geladas obcecadas
por um súbito clarão da alquimia do uso da elipse
do catálogo do metro inviável & do plano vibratório,
que sonharam e abriram brechas encarnadas no
Tempo & Espaço através de imagens justapostas
e capturaram o arcanjo da alma entre 2 imagens
visuais e reuniram os verbos elementares e
juntaram o substantivo e o choque da consciência
saltando numa sensação de Pater Omnipotens
Aeterne Deus,
para recriar a sintaxe e a medida da pobre prosa
humana e ficaram parados à sua frente, mudos e

inteligentes e trêmulos de vergonha, rejeitados
todavia expondo a alma para conformar-se ao
ritmo do pensamento em sua cabeça nua e infinita,
o vagabundo louco e Beat angelical no Tempo,
desconhecido mas mesmo assim deixando aqui
o que houver para ser dito no tempo após a morte,
e se reergueram reencarnados na roupagem
fantasmagórica do jazz no espectro de trompa
dourada da banda musical e fizeram soar o
sofrimento da mente nua da América pelo
amor num grito de saxofone de eli eli lama lama
sabactani que fez com que as cidades tremessem
até seu último rádio,
com o coração absoluto do poema da vida arrancado
de seus corpos bom para comer por mais mil anos.

II

Que esfinge de cimento e alumínio arrombou seus
crânios e devorou seus cérebros e imaginação?

Moloch! Solidão! Sujeira! Fealdade! Latas de
lixo o dólares intangíveis! Crianças berrando
sob as escadarias! Garotos soluçando nos
exércitos! Velhos chorando nos parques!

Moloch! Moloch! Pesadelo de Moloch! Moloch o
mal-amado! Moloch mental! Moloch o pesado
juiz dos homens!

Moloch a incompreensível prisão! Moloch o
presídio desalmado de tíbias cruzadas e o Congresso
dos Sofrimentos! Moloch cujos prédios são
julgamento! Moloch a vasta pedra da guerra!
Moloch os governos atônitos!

Moloch cuja mente é pura maquinaria! Moloch cujo
sangue é dinheiro corrente! Moloch cujos
dedos são dez exércitos! Moloch cujo peito é
um dínamo canibal! Moloch cujo ouvido é
um túmulo fumegante!

Moloch cujos olhos são mil janelas cegas! Moloch
cujos arranha-céus jazem ao longo de ruas como

infinitos Jeovás! Moloch cujas fábricas sonham
e grasnam na neblina! Moloch cujas colunas de fumaça
e antenas coroam as cidades!

Moloch cujo amor é interminável óleo e pedra!

Moloch cuja alma é eletricidade e bancos!

Moloch cuja pobreza é o espectro do gênio!

Moloch cujo destino é uma nuvem de hidrogênio
sem sexo! Moloch cujo nome é a Mente!

Moloch em que permaneço solitário! Moloch em
que sonho com anjos! Louco em Moloch!

Chupador de caralhos em Moloch! Mal-amado
e sem homens em Moloch!

Moloch que penetrou cedo na minha alma! Moloch
em quem sou uma consciência sem corpo!

Moloch que me afugentou do meu êxtase natural!

Moloch a quem abandono! Despertar em Moloch!

Luz escorrendo do céu!

Moloch! Moloch! Apartamentos de robôs! Subúrbios
invisíveis! Tesouros de esqueletos! Capitais cegas!

Indústrias demoníacas! Nações espectrais!

Invencíveis hospícios! Caralhos de granito!

Bombas monstruosas!

Eles quebraram suas costas erguendo Moloch ao Céu!

Calçamento, arvores, rádios, toneladas! Levantando

a cidade ao Céu que existe e está em todo lugar

ao nosso redor!

Visões! Profecias! Alucinações! Milagres! Êxtases!

Descendo pela correnteza do rio americano!

Sonhos! Adorações! Iluminações! Religiões! O

carregamento todo em bosta sensitiva!

Desabamentos! Sobre o rio! Saltos e crucificações!

Descendo a correnteza! Ligados! Epifanias!

Desesperos! Dez anos de gritos animais e suicídios!

Mentes! Amores novos! Geração louca! Jogados

nos rochedos do Tempo!

Verdadeiro riso no santo rio! Eles viram tudo! O olhar

selvagem! Os berros sagrados! Eles deram adeus!

Pularam do telhado! Rumo à solidão! Acenando! Levando
flores! Rio abaixo! Rua acima!

III

Carl Solomon! Eu estou com você em Rockland

onde você está mais louco do que eu

Eu estou com você em Rockland

onde você deve sentir-se muito estranho

Eu estou com você em Rockland

onde você imita a sombra da minha mãe

Eu estou com você em Rockland

onde você assassinou suas doze secretárias

Eu estou com você em Rockland

onde você ri desse humor invisível

Eu estou com você em Rockland

onde somos grandes escritores na mesma

abominável máquina de escrever

Eu estou com você em Rockland

onde seu estado se tornou muito grave e é

noticiado pelo rádio

Eu estou com você em Rockland

onde as faculdades do crânio não agüentam

mais os vermes dos sentidos

Eu estou com você em Rockland

onde você bebe o chá dos seios das solteironas

de Utica

Eu estou com você em Rockland

onde você bolina os corpos das suas

enfermeiras as harpias do bronx

Eu estou com você em Rockland

onde você grita de dentro de uma camisa de

força que está perdendo o verdadeiro jogo

de pingue-pongue do abismo

Eu estou com você em Rockland

onde você martela o piano catatônico a alma

é inocente e imortal e nunca poderia morrer

impiamente num hospício armado,

Eu estou com você em Rockland

onde com mais de cinquenta eletrochoques
sua alma nunca mais retornará a seu corpo de
volta de sua peregrinação rumo a uma cruz
no vazio

Eu estou com você em Rockland

onde você acusa seus médicos de loucura e
prepara a revolução socialista hebraica contra
o Gólgota nacional e fascista

Eu estou com você em Rockland

onde você rasga os céus de Long Island e faz
surgir seu Jesus vivo e humano do túmulo
sobre-humano

Eu estou com você em Rockland

onde há mais de vinte e cinco mil camaradas
loucos todos juntos cantando os versos finais da
Internacional

Eu estou com você em Rockland

onde abraçamos e beijamos os Estados Unidos
sob nossas cobertas Estados Unidos que

tossem a noite toda e não nos deixam dormir

Eu estou com você em Rockland

onde despertamos eletrocutados do coma pelos

nossos próprios aeroplanos da mente roncando

sobre o telhado eles vieram jogar bombas

angelicais o hospital ilumina-se paredes imaginárias

desabam Ó legiões esqueléticas correi para fora

Ó choque de misericórdia salpicado de estrelas

a guerra eterna chegou Ó vitória esquece tua roupa

de baixo estamos livres

Eu estou com você em Rockland

nos meus sonhos você caminha gotejante de volta

de uma viagem marítima pela grande rodovia que

atravessa a América em lágrimas até a porta do

meu chalé dentro da Noite Ocidental.